

REGISTROS DE VIDA DE DESCENDENTES DE ITALIANOS NO DISTRITO DE ARROIO GRANDE - SANTA MARIA - RS¹

LIFE RECORDS OF DESCENDANTS OF ITALIANS IN THE DISTRICT OF ARROIO GRANDE - SANTA MARIA - RS

Jorge Marchezan², Elsbeth Léia Spode Becker³ e Lia Margot Dornelles Viero⁴

RESUMO

O processo de ocupação definitivo do sul do Brasil contou com a forte contribuição dos imigrantes europeus. A contribuição dos italianos na região central do Rio Grande do Sul, especificamente na área da “Quarta Colônia de Imigração Italiana”, ficou registrada através do desenvolvimento econômico, difusão da cultura e da forte religiosidade praticada por eles. A pesquisa estabeleceu como área de estudo o quarto distrito de Santa Maria (RS), denominado Arroio Grande. O objetivo do trabalho foi coletar e analisar narrativas de vida de descendentes de italianos e moradores do local. Como proposta metodológica, foi realizada uma revisão bibliográfica, coleta de narrativas e depoimentos, conversas informais e visitas *in loco* e levantamento fotográfico. As narrativas de vida dos entrevistados revelam uma riqueza de informações; são relatos emotivos, demonstram forte sentimento religioso e que os fazem voltar no tempo, pois resgatam a história e a perseverança de seus antepassados.

Palavras-chave: Imigrantes, Cultura, Memória.

ABSTRACT

The process of definitive occupation of southern Brazil had the strong contribution of European immigrants. The contribution of Italians in the central region of Rio Grande do Sul, specifically in the area of the “Fourth Colony of Italian Immigration”, was registered through economic development, dissemination of culture and the strong religiosity practiced by them. The research established as the study area the fourth district of Santa Maria (RS), called Arroio Grande. The objective of the work was to collect and analyze life narratives of Italian descendants and local residents. As a methodological proposal, a bibliographic review, collection of narratives and testimonies, informal conversations and on-site visits and photographic survey were carried out. The interviewees’ life narratives reveal a wealth of information; they are emotional reports, demonstrate a strong religious feeling and that make them go back in time, as they rescue the history and perseverance of their ancestors.

Keywords: Immigrants, Culture, Memory.

1 Trabalho de Iniciação Científica.

2 Graduado em Geografia pela Universidade Franciscana. Mestrando em Geografia - Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). E-mail: jorgemarchezan@yahoo.com.br

3 Professora Adjunta III em Ensino de Humanidades e Linguagens - Universidade Franciscana (UFN). Aposentada. E-mail: elsbeth.geo@gmail.com

4 Mestra em Geografia. Professora aposentada da Universidade Franciscana (UFN). E-mail: liamargotdv@gmail.com

INTRODUÇÃO

A chegada do imigrante italiano em território brasileiro, em especial no espaço rio-grandense, definiu uma série de mudanças, tanto na área física quanto na socioeconômica. O Brasil resolveu, em parte, a carência de mão de obra agrícola em razão da legislação que dava libertação aos escravos. Os imigrantes italianos definiram uma paisagem diferenciada de outros grupos de povoadores do espaço. Começaram a chegar ao Rio Grande do Sul por volta do ano de 1875. Quatro núcleos de colonizadores italianos se instalaram no Estado, sendo que a Quarta Colônia de Imigração Italiana localizou-se em Silveira Martins - último núcleo de colonização italiana do RS -, cidade conhecida como “Berço da Quarta Colônia”, pois recebeu os primeiros imigrantes na região central do Estado, alojados no barracão de Val de Buia.

No seu entorno, surgiram pequenas cidades que, com a contribuição do bravo colonizador, auxiliaram na prosperidade socioeconômica de seus moradores.

Em torno de 1880, os italianos começaram a chegar e ocuparam as regiões de Arroio do Meio, Arroio Lobato, Linha Weima, Val Feltrina e Três Barras, sendo que três - Arroio do Meio, Arroio Lobato e Três Barras - são, hoje, importantes unidades residenciais do distrito. Arroio Grande, atualmente o quarto distrito de Santa Maria (RS), teve forte contribuição dos imigrantes italianos. A região, de forma geral, por meio da contribuição desse grupo, cresceu, prosperou economicamente, sem que imigrantes tivessem que deixar de lado suas raízes históricas, as quais são verdadeiros marcos histórico-geográficos que dão uma identidade para esse local.

O texto da pesquisa, na sequência, apresenta a metodologia e um referencial teórico acerca do processo histórico da chegada dos imigrantes italianos no Brasil, no Rio Grande do Sul e na região da 4ª Colônia de Imigração Italiana, localizada no município de Silveira Martins. Nesta parte, é enfatizada a participação dos imigrantes na formação de Silveira Martins e Arroio Grande. Na continuidade apresenta-se os depoimentos coletados com os moradores do distrito, ricos em lembranças de histórias de cada um e, por fim, as considerações finais.

METODOLOGIA

A pesquisa envolveu a construção de um referencial teórico que foi realizado a partir de um levantamento bibliográfico exploratório- descritivo. Na sequência, foi aplicado um instrumento de pesquisa, coletando as histórias sobre a imigração e os marcos históricos, contendo questões abertas instigando os depoimentos relacionados ao imigrante italiano, na localidade de Arroio Grande. Foi realizada a descrição de relatos de moradores acerca dos marcos referenciais e também um levantamento fotográfico, além da seleção de fotografias antigas, disponíveis em acervos de família.

A coleta de dados foi realizada na modalidade de depoimentos com moradores da localidade, que tenham vínculo com a imigração italiana, e privilegiando a oralidade. Além disso, foi feito o registro fotográfico dos marcos e casas antigas com suas respectivas descrições, a partir de referências coletadas em documentos históricos, além da seleção de fotografias antigas, disponíveis em acervos de família.

Os depoimentos foram gravados e foram realizados nas casas dos depoentes. Foram realizadas oito visitas nas residências, isso com pessoas adultas, a maioria aposentados, todos moradores do Distrito e com ascendência italiana.

A IMIGRAÇÃO ITALIANA NO BRASIL E NO RIO GRANDE DO SUL

Na segunda metade do século XIX, a Itália vivenciou grandes transformações políticas e econômicas, o que gerou grandes dificuldades para a maioria da população (MAGNOLI, 2001). Esse desconforto provocou a saída de levas de italianos de seu país, em busca de novos espaços para a fixação da população. A América passou a ser a área de atração populacional e o Brasil tornou-se o país receptor desse grupo. Segundo Dalmolin (2004), os agentes de imigração, pensando no ganho pessoal, prometiam uma viagem com passaporte direto para o paraíso na terra. Até mesmo os párocos estavam preocupados com o Estado laico unificado e com o avanço do socialismo, por isso viam no Novo Mundo, uma forma de sociedade cristã, com os camponeses que *passavam* miséria na Itália. Ainda conforme Dalmolin (2004), vendiam imóveis, as benfeitorias dos campos - quando as possuíam, preparavam as bagagens para a longa viagem, levavam roupas, ferramentas, sementes, recordações e esperanças.

Após a abolição da escravatura, o governo brasileiro necessitava de trabalhadores para a agricultura e colonização do seu território. Sabendo da situação na Itália, passou a incentivar a vinda de italianos para trabalhar e povoar o espaço brasileiro. Dessa forma, os imigrantes passaram a acreditar que a vinda para a América, em específico para o Brasil, seria como a terra prometida. Porém, os italianos nada conheciam sobre a nova terra, nem sobre o espaço que seria ocupado, os tipos de cultura e as dificuldades que encontrariam em colonizar lugares de difícil acesso.

Com a abolição da escravatura, o país precisava de mão de obra para o trabalho nas grandes fazendas, e o colono passou a ser a saída para o latifundiário. O governo italiano, de certa forma, incentivou a saída dos habitantes do país, uma vez que a situação socioeconômica não era favorável. A viagem da Europa até a América nada tinha de confortável. Antunes e Oliveira (1994) comprovam isso quando escrevem que:

Os navios que levavam os imigrantes italianos não possuíam, na sua maioria, condições adequadas para eles viajarem. Os italianos viajavam com suas famílias nos porões do navio, os quais ficavam abaixo do nível do mar. A iluminação era pouca e a luz que vinha era dos lampiões de querosene. A fé religiosa e as esperanças em encontrar um lugar melhor para viver foram elementos que deram condições para os imigrantes conseguirem sobreviver a uma situação tão dramática. As dúvidas e as incertezas foram muito bem retratadas nas canções italianas que os imigrantes cantavam dentro dos navios (p. 17).

As guerras de unificação da Itália, a crise econômica na agricultura e o início da atividade industrial foram os motivos que levaram muitos italianos a emigrarem para outros países, inclusive para o Brasil (QUEVEDO, 1998). Por outro lado, a Itália era um dos países mais aptos a liberar essa mão de obra, devido às suas condições econômicas, políticas e sociais, recém-unificada, em 1870, apresentava um alto índice de população em situação precária (ANTONELLO, 1996).

No Rio Grande do Sul, os italianos chegaram a partir do ano de 1875, sendo encaminhados para a região do planalto, com densa floresta, pois nos vales e nas planícies já se encontravam estabelecidos outros imigrantes. Sobre a região ocupada pelos imigrantes, De Boni (1996) afirma que:

A região destinada aos italianos constituía uma das últimas áreas desabitadas da Província, coberta de florestas e formada por vales e montanhas. No entanto, essa região inóspita, rejeitada pelos outros grupos sociais, não desencorajou os imigrantes e seus descendentes (p. 621).

Os italianos que se estabeleceram no Rio Grande do Sul, no fim do século XIX e início do século XX, tornaram-se, em sua maioria absoluta, pequenos proprietários rurais, submetidos ao regime de colonato, definido pela política oficial brasileira de colonização (ANTONELLO, 1996 *apud* MANFROI, 1987, p. 169).

Foi a partir de 1875 que começaram a chegar ao Rio Grande do Sul os primeiros imigrantes italianos, designados para a borda superior do Planalto Meridional, fundando os municípios que conhecemos hoje como Caxias do Sul, Bento Gonçalves, Garibaldi, Veranópolis e Nova Prata (MAGNOLI, 2001). Inúmeros problemas foram enfrentados por eles, tais como ambientes hostis, que, conforme Lazzarotto (1986), ficavam situados em lugares de difícil acesso, completamente desconhecidos quanto ao clima e tipos de culturas a serem empregadas.

Outra dificuldade citada pelo autor era o transporte das mercadorias, pois

Havia apenas o porto fluvial de São Sebastião do Caí, para onde traziam seus produtos, dependendo de intermediários, sem falar na dificuldade de deslocamento por trilhas sinuosas, no lombo de burros ou a pé. A situação somente melhoraria com a linha férrea até Caxias, em 1910 (LAZZAROTTO, 1986, p. 89).

Além disso, havia a concorrência das colônias alemãs, conforme documentado por Lazzarotto (1986): “elas estavam melhor estabelecidas, contavam com melhores condições de comunicação e mercado consumidor certo em Porto Alegre”.

O abandono da terra natal constituiu saída para a crise vivida por multidões de camponeses. Partia-se para a América pra fugir da fome, do trabalho fatigante, da desnutrição, do salário irrisório, do alto aluguel da terra. A emigração era uma forma de revolta surda e silenciosa contra os donos da terra. Ela prometia um futuro risonho para todos (CARBONI; MAESTRI, 2000, p. 16).

Vencidas as dificuldades ao longo de muitos anos, cabe registrar as importantes contribuições dos italianos para a economia gaúcha. Os setores que mais se sobressaíram foram a agricultura, a indústria e o comércio.

A presença do colonizador italiano no Estado gaúcho exerceu e exerce influência em vários aspectos, como o comportamento da sociedade gaúcha, na religião, na culinária e nos hábitos alimentares, na arquitetura e também no desenvolvimento industrial.

SILVEIRA MARTINS, A QUARTA COLÔNIA DE IMIGRAÇÃO ITALIANA DO RS

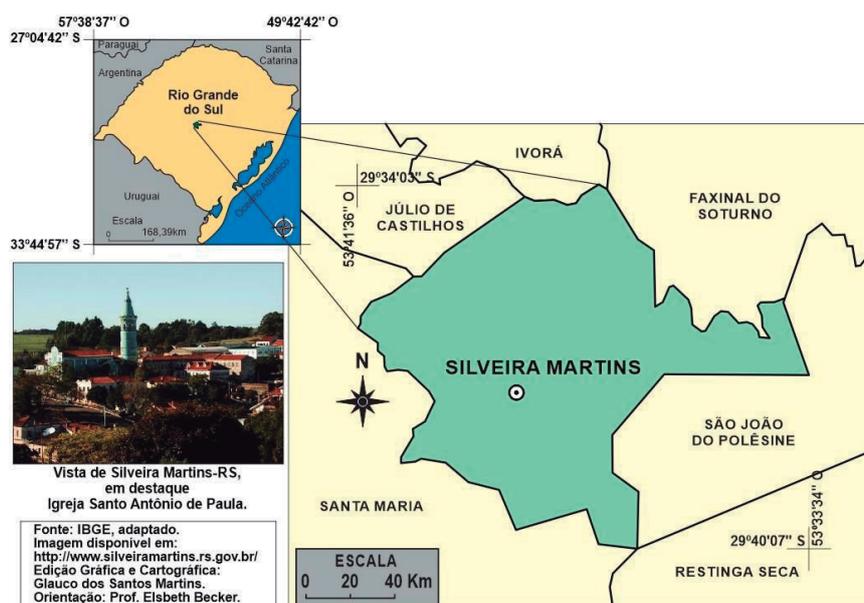
No ano 1877, o governo Imperial criou a Quarta Colônia para imigrantes italianos, utilizando as terras de mata nas proximidades do município de Santa Maria da Boca do Monte, no centro geográfico do Rio Grande do Sul, onde já houvera tentativas anteriores de colonização, dando origem à Colônia Silveira Martins (ANTONELLO, 1996).

A chamada Quarta Colônia de Imigração Italiana do Rio Grande do Sul localiza-se na região central do Estado, compreendendo, segundo o IBGE (2015), os municípios de Agudo, Dona Francisca, Faxinal do Soturno, Ivorá, Nova Palma, Pinhal Grande, Restinga Seca, São João do Polêsine e Silveira Martins.

O processo de ocupação e povoamento da região central do RS está vinculado a Silveira Martins, uma das quatro colônias de imigração italiana instaladas no Rio Grande do Sul. Assim, a cidade se tornará o local de origem da colonização italiana na região central do Estado, cujas características de ocupação não foram muito diferenciadas das demais colônias. Conforme registro do IBGE (2015) sobre a vinda dos primeiros imigrantes para a região de Silveira Martins,

O sofrimento e o trabalho que alguns imigrantes passaram ao chegar na região foi parecido com o dos primeiros imigrantes que se instalaram na serra gaúcha. Porém, aqui na região central, faltaram-lhes as longas araucárias para construírem as primeiras moradias e os pinhões para dar sustento aos bravos imigrantes. Talvez por esse motivo, uma epidemia de peste bubônica matou mais de 400 pessoas ainda no barracão da Val de Buia, local onde se abrigaram os imigrantes, antes de receberem as suas colônias de terra.

A importância geográfica merece atenção especial para compreender a história da colonização italiana (Figura 1). Silveira Martins é destaque entre as quatro colônias italianas, que não têm como ponto de referência a capital Porto Alegre, e, sim, Santa Maria (RS). Isso foi um atrativo para imigrantes e seus descendentes, pois era o maior centro ferroviário do Estado e atraiu mão de obra para a região.

Figura 1 - Mapa do Rio Grande do Sul com ênfase para o Município de Silveira Martins - RS

Fonte: IBGE (2015, adaptado).

Silveira Martins é conhecida como “Berço da Quarta Colônia”, pois recebeu as primeiras levas de imigrantes italianos da região central do Estado do Rio Grande do Sul. Este fato deu início ao 4º Núcleo de Imigração Italiana do RS, juntamente com outros três núcleos, sendo Caxias do Sul, Bento Gonçalves e Garibaldi.

Por meio dos italianos, muitas marcas ficaram impregnadas no espaço geográfico da região. Pode-se comprovar isso por meio de inúmeras edificações e manifestações artístico-culturais desenvolvidas até os dias atuais. Há um esforço de toda comunidade da Quarta Colônia de Imigração Italiana em manter e difundir essas manifestações, as quais conservam viva a história da colonização.

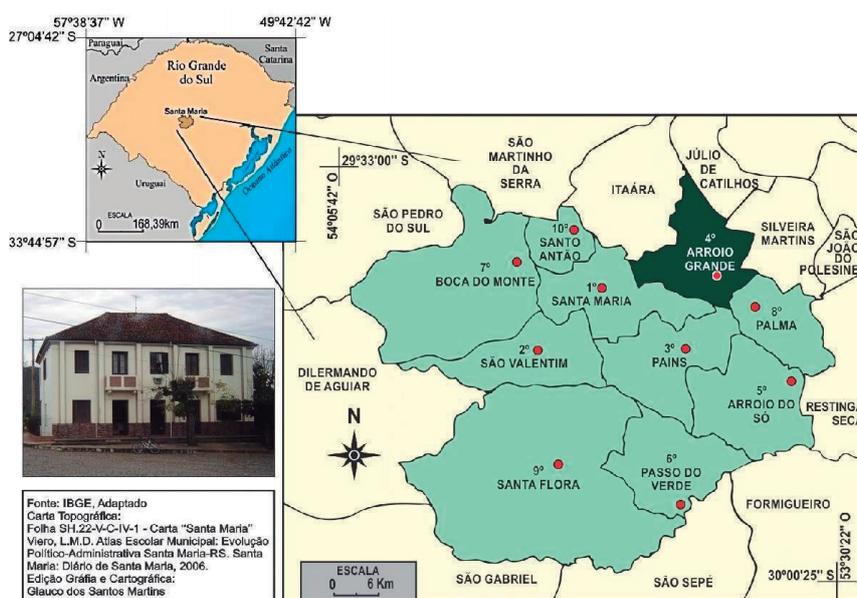
Atualmente, Silveira Martins é um próspero município da Quarta Colônia, que mantém e cultiva os laços culturais trazidos pelos seus antepassados. Isso pode ser comprovado com as atividades econômicas, sociais e culturais que o município realiza.

Para a região central do Estado, em especial Santa Maria (RS), é uma forma de preservar a herança cultural dos italianos.

OS ITALIANOS EM ARROIO GRANDE - RS

Arroio Grande, quarto distrito do município de Santa Maria (RS), tem sua história ligada fortemente ao município de Silveira Martins, pois seus moradores são, em sua grande maioria, descendentes de italianos que formaram a Quarta Colônia de Imigração Italiana do Rio Grande do Sul. O distrito foi criado em 1988, pela lei municipal nº 3099/88. De acordo com Viero (2001), a unidade distrital faz limite com os distritos de Palma e Sede, e com os municípios de Silveira Martins, Júlio de Castilhos e Itaara.

Figura 2 - Mapa do município de Santa Maria e sua divisão distrital, com ênfase ao Distrito de Arroio Grande - RS.



Fonte: IBGE (2015, adaptado).

Os italianos se instalaram na região e, com muita luta e perseverança, fizeram a área prosperar. Com isso, o espaço local foi modificado a partir da cultura e dos hábitos desse povo.

Muitas famílias de italianos que chegaram no ano de 1877 em Val de Buia, radicaram-se por Arroio Grande, São Marcos, Estação Colônia, hoje Camobi. Em 1885 já estava chegando os trilhos em Santa Maria. Muito de nossos patrícios tornaram-se operários da Rede Ferroviária, outros seguiram as encostas da Serra de São Martinho, passaram pela Caturrita, lá subiram o monte de Santo Antônio, no, Campestre, para depositar flores e fazer uma prece, para então seguir viagem (BELLINASSO, 2000, p. 22).

Os primeiros colonos eram da região Vêneta, sendo que a maioria deles era agricultor. Depois de uma longa e penosa viagem, a maioria deles chegou enfraquecida e sem nenhuma provisão. Conforme Bellinaso (2000), tinham que ocupar as terras que os lusos e os alemães tinham abandonado, por causa das frequentes inundações e as constantes enfermidades causadas pelas águas estagnadas nos pantanais. Os imigrantes foram deixados à própria sorte; nesses primeiros anos, tudo era desfavorável, mas os colonos não desanimavam, sofriam, trabalhavam com dedicação, o que é peculiar do italiano. As estradas de comunicação eram desfavoráveis, havia muitos atoleiros, em que muitos animais e carretas foram perdidos.

O quarto distrito de Santa Maria (RS) tem uma forte presença de famílias residentes que são descendentes da primeira leva de imigrantes, o que proporcionou a transformação da paisagem de diferentes formas, através do processo agrícola, moderado comércio, além de pequenas fábricas de cunho artesanal.

Arroio Grande se distancia, aproximadamente, 18km da sede da cidade de Santa Maria (RS), limitando-se com o importante bairro de Camobi. Conforme Santin (1986), Arroio Grande está

localizado entre Silveira Martins e Santa Maria (RS), ponto obrigatório de passagem de todos que demandam do interior da imigração italiana para atingir Santa Maria (RS). Na área urbana, localiza-se a sede administrativa, além da presença de inúmeras residências construídas no início do povoamento da área. Parte dessas edificações constitui um dos importantes marcos da cultura italiana na paisagem do distrito. Além disso, possui os principais serviços, considerados de primeira necessidade da população, tais como: posto médico, posto policial, pequenos estabelecimentos comerciais, sede da subprefeitura, além de inúmeras fábricas de facas.

A outra parte do distrito possui características tipicamente rurais, com ênfase para pequenas propriedades, com pouca concentração de casas. Nesse espaço, apesar do predomínio do setor agrícola, também se observam propriedades que desenvolvem a prática da pecuária. A bela paisagem local é típica de cartão postal, pois intercalam áreas planas e elevadas com cursos naturais que cortam o distrito, alguns escolhidos como sede de balneários desfrutados pela população (Figura 3).

Figura 3 - “Folder” do Distrito de Arroio Grande.



Fonte: Ledi Colpo Noal.

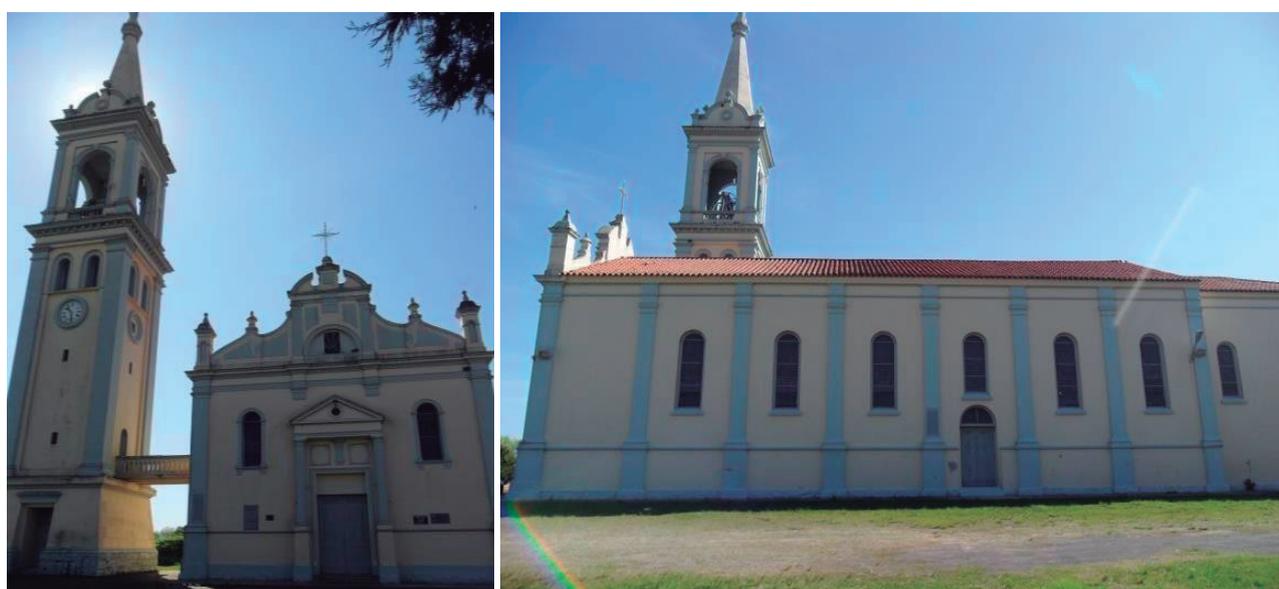
IGREJAS, CAPELAS, SANTUÁRIOS: TESTEMUNHOS DE FÉ E DA RELIGIOSIDADE

As igrejas e as capelas são uma marca registrada dos antigos imigrantes italianos, algo transmitido aos seus descendentes. Construídas por esses imigrantes com materiais confeccionados artesanalmente e com pouquíssimos recursos, eram motivados pela fé e realizaram essas grandes obras, que ficaram de herança patrimonial no Distrito de Arroio Grande. A descrição das unidades foi extraída da Revista “O Santuário”, do ano de 2010.

Igreja de São Pedro - Paróquia de Arroio Grande

A paróquia de São Pedro de Arroio Grande, portal da Quarta Colônia Italiana do RS, está situada às margens da RS 511, a 6 km do Bairro Camobi, no 4º Distrito de Santa Maria (RS). Seu padroeiro, São Pedro, foi escolhido com a vinda da Imigração para este atual Distrito. A fundação do curato (residência do padre ou circunscrição administrativa) foi em 10 de maio de 1898 e elevado à condição de Paróquia em 13 de fevereiro de 1919. Pode-se ver, na figura 4, a imagem da igreja e da torre do sino, bem como o lado da igreja.

Figura 4 - Igreja de São Pedro.



Fonte: Arquivo pessoal.

Capela de São Marcos

Junto ao monumento do Imigrante e situada às margens da RS 511, no entroncamento dessa estrada com a de Três Barras, distando 3 km da Paróquia São Pedro. É o primeiro e mais antigo templo do atual Núcleo da Colônia de Arroio Grande, na localidade de São Marcos. Construída em madeira, em 1883, tendo como padroeira Nossa Senhora do Caravaggio; no mesmo lugar foi construído um monumento em 1912 (livro *Heróis de Val de Buia*, p.85 e 90).

Em 1894 foi inaugurada a atual capela, tendo, então, como padroeiro, São Marcos. Há também o campanário, vindo da Itália em 1896. Na figura 5 podemos visualizar a atual igreja de São Marcos.

Figura 5 - Igreja de São Marcos.

Fonte: Arquivo pessoal.

Santuário Nossa Senhora do Rosário

Padroeira dos imigrantes italianos. Local instituído em 08 de setembro de 1885. Outrora, localidade bem populosa, ficando quase desabitada até a década de 1970, devido às cheias.

O povo de toda a paróquia de Arroio Grande e arredores sempre teve uma devoção especial à Santa, pelo grande milagre acontecido quando da vinda da imagem, em 1885, no navio com italianos que imigravam para esta colônia, e, por isso, festejavam louvando e agradecendo a Deus este grande feito no, agora, Santuário. Mostra-se, na figura 6, A igreja de Nossa Sra. Do Rosário e a antiga torre construída de tijolo à vista.

Figura 6 - Igreja de Nossa Senhora do Rosário.

Fonte: Arquivo pessoal.

Capitel de Santo Antônio

A comunidade Santo Antônio da Vila Fighera, originada do capitel de Santo Antônio, erigido no ano de 1927, a 3 km pela estrada que liga a Paróquia à Vila Fighera, sendo que o povo faz seus encontros no Centro Comunitário.

Comunidade Santo Antônio da Invernadinha

Situada a 2 km da Matriz São Pedro, na estrada da Invernadinha, que liga Arroio Grande a Três Barras. Um capitel de Santo Antônio com mais de cem anos deu origem a essa comunidade de fé.

Comunidade São Francisco

Na estrada de Três Barras, desmembrada da capela de São Valentim, a, aproximadamente, 6 km da paróquia. Fundada em 14/10/2005, utiliza o Salão Comunitário para reuniões e festas.

Ermida Mãe Rainha

Situada quase no fim de Três Barras, aproximadamente a 15 km da paróquia. Ocorre uma missa mensal e encontros semanais de oração e reza do terço.

Capela São Valentim

Na localidade de Três Barras, situada a 10 km da RS 511, no entroncamento de São Marcos. Fundada no ano de 1933.

Capela São José

Localizada em Arroio Lobato, a 8 km da matriz, pela estrada que inicia em Arroio Grande, e fundada em 12 de outubro de 1904.

Comunidade Santo Antônio da Vila Fighera

Originada do capitel de Santo Antônio, erigido no ano de 1927, a 3 km pela estrada que liga a Paróquia à Vila Fighera, sendo que o povo faz seus encontros no Centro Comunitário.

E, assim, estão distribuídas as igrejas e centros comunitários no Distrito de Arroio Grande, onde os moradores fazem suas devoções, rezas, encontros religiosos e comemorações nas datas festivas em prol do padroeiro de cada local.

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Nessa sessão do texto serão apresentados depoimentos de moradores do Distrito de Arroio Grande, com ascendência italiana e que residem no local desde o nascimento, e outros que moram por diversos anos.

Os depoimentos são importantes, pois trazem uma carga de histórias pessoais, familiares e de como o espaço geográfico foi construído, como era o trabalho e a forma de sobrevivência dos imigrantes. Os depoimentos foram coletados no período de agosto a novembro de 2015.

O primeiro depoimento apresentado foi fornecido pelo Sr. Carlos Lovatto, nascido em outubro de 1930, morador do distrito desde o nascimento; é neto de imigrantes italianos.

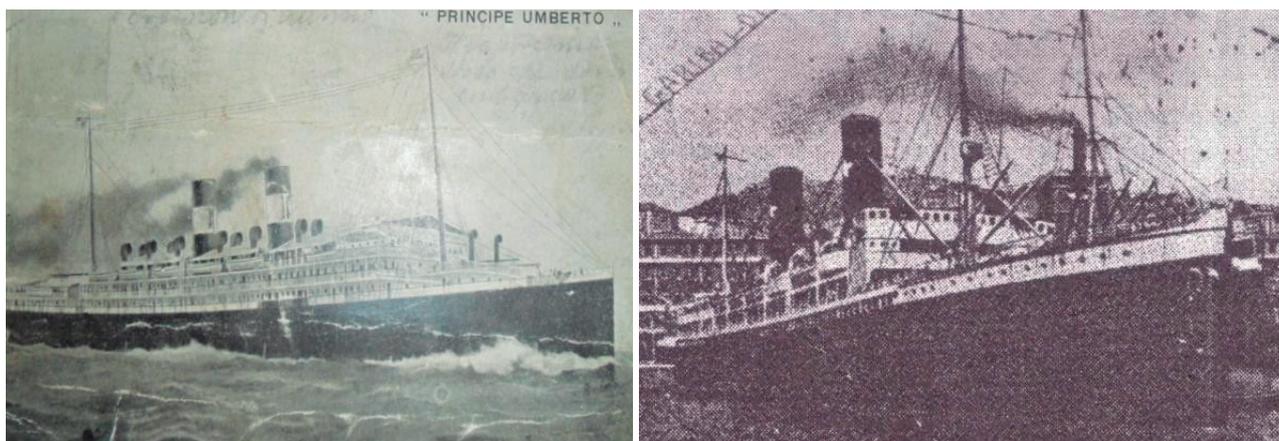
O navio que trazia os imigrantes incendiou, e estes, apavorados, começaram a rezar; essa embarcação trazia três sinos para a igreja local, que acompanhavam Nossa Senhora do Rosário, que é padroeira de uma das igrejas do distrito. Um dos sinos, o maior e mais pesado, foi jogado ao mar, e as pessoas continuavam a rezar. O fogo foi apagado e seguiram viagem; quando chegaram em Camobi, antiga Estação Colônia, pegaram a estrada em direção a São Marcos, que era chamado pelo apelido de Picada das “divaras” (veado), ali havia muitas cabras nos moradores deste local, e se instalaram próximo à capela de São Marcos, onde também fizeram um cemitério na propriedade do Pesca, na Picada das “divaras” (veado), sendo o primeiro cemitério dos imigrantes italianos; também há alguns túmulos ao lado da igreja do Rosário, de famílias do local, chamado de Arroio do Meio, onde residiam treze famílias. Os primeiros imigrantes italianos fundaram a capela de São Marcos, que foi a primeira igreja construída no distrito; alguns dos imigrantes foram para Silveira Martins, e o cemitério foi mudado para outro local, onde permanece atualmente. A igreja tem paredes largas, com tijolos de 30 cm e meio, e depois de um tempo foi construída a igreja de São Pedro; em 1912 construíram a torre ao lado da igreja do Rosário, a capela já havia sido feita, construída pelas famílias Lovatto, Serafim, Comareto, Gaspareto, Dambrosio, Comassetto, todos moradores do local. Guerino Poloni era pedreiro italiano, e terminou a torre da igreja de São Pedro, onde também era usada a tração animal de um burrinho para puxar os baldes de massa de cimento, por meio de andaimes e roldanas. No local onde fica o Marco de Silveira Martins havia um agrupamento de imigrantes, e muitos morreram devido à gripe espanhola. Em 1941 houve uma grande seca, que durou seis meses, sem nenhum tipo de colheita e sem nenhum benefício do governo; a comunidade e muitos vieram de longe e se reuniram para uma missa pedindo chuva para Nossa Senhora do Rosário; logo após houve grande chuva, porém, antes da chuva, ocorreu um incêndio nas bandeirinhas decorativas, e atingiu a imagem da Santa. A suspeita é a de que foi das velas que não foram apagadas. Hoje, a igreja encontra-se pouco frequentada. A comunicação entre os imigrantes era somente pelo dialeto italiano. Ambos eram chamados de quinta coluna, uma forma de discriminação, pois não podiam cantar no dialeto italiano. Nessa época da segunda guerra mundial, quase foram presos por estarem cantando. Segundo ele, havia uma promessa do governo para distribuição de terras, mas, aqui chegando, tiveram

que se virar como podiam. Aos poucos, contudo, foram trabalhando de forma muito difícil e sem recursos, em que até mesmo as vacas eram amansadas para o trabalho na terra; então havia vaca para o leite e vaca para lavar, e tinha também o cavalo e o boi usados para a lavoura; os mesmos animais eram aproveitados para o consumo ou vendidos. Assim, os imigrantes foram construindo, adquirindo e melhorando a situação de vida, deixando uma herança cultural, terras e casas.

O depoimento revela as dificuldades encontradas pelos imigrantes durante a viagem e também à chegada, em especial na sobrevivência dos imigrantes. A figura 7 mostra antigas imagens dos navios que traziam os imigrantes italiano. É notória a emoção, o sentimento religioso do Sr. Carlos Lovatto, quando relembra a história vivida por ele. Conforme Dalmolin (2004, p. 25):

Na travessia atlântica, os imigrantes dividiam-se sobretudo em duas classes: aqueles poucos que podiam pagar a passagem em segunda classe, e a imensa maioria que viajava na terceira classe, a sua custa ou gratuitamente, onde o espaço de que dispunham era pequeno. Sofria-se com o calor, a falta de higiene e o balanço das embarcações.

Figura 7 - Navios que transportavam os imigrantes italianos.



Fonte: Ledi Colpo Noal.

Quanto ao incêndio no navio, houve muitas perdas e problemas com os passageiros. Escreve Carlesso (1989) que o navio *Righi*, que transportou a 4ª leva de imigrantes, havia sofrido um incêndio em alto mar. Cinco dias após o sinistro, aportou no Rio de Janeiro, num estado bastante precário e com os viajantes extremamente abatidos e enfraquecidos.

O segundo depoimento coletado foi do Sr. André Luiz Pozzobon, descendente de imigrante italiano e morador do distrito desde seu nascimento. Ele relata sobre o prédio da Cantina Pozzobon, da qual é proprietário. Um estabelecimento comercial, localizado no distrito e que procura manter as tradições gastronômicas, sendo o cardápio tipicamente italiano, incluindo como entrada tábua de frios com polenta e puina; após, sopa de agnolini, risoto, galetto, carne de porco, macarrão, salada de maionese.

O prédio da Cantina Pozzobon foi construído pelo imigrante Raimundo Cauduro, em 1885. Iniciou uma casa comercial em 1890 e os tijolos eram feitos por eles mesmos; todo material da construção da casa, assim como em todos os casarões antigos, foi feito no local, de forma artesanal. Em 1928, o tio irmão de seu pai casou-se com a filha do proprietário, após a casa ficar desabitada - ficou mais de vinte anos fechada, até 1999. Quando foi comprada, começou a reforma - o local já tinha passado por duas reformas, antigamente -, e em 15 de setembro de 2000 foi inaugurado o restaurante. A propriedade foi comprada com documentos de casa abandonada, mesmo sendo de familiares e da qual André também era herdeiro, e ficaram as fotos do antigo prédio. Com a reforma atual, a estrutura da casa permaneceu a mesma, inclusive as janelas e as portas continuam as mesmas. Quanto às igrejas, a capela de São Marcos é a mais antiga das construídas pelos imigrantes. Houve a inauguração do campanil, do sino em 1909, mas a capela já existia. Havia uma rixa entre os moradores, para que a nova construção da capela de São Pedro fosse matriz e a de São Marcos fosse capela, como é nos dias atuais. A igreja do Rosário é lembrada como sendo muito antiga, e dos antigos festejos onde passavam o dia; em termos de tempo é uma construção intermediária entre as igrejas de São Marcos e de São Pedro. O primeiro cemitério foi ao redor de São Marcos, onde continua nos dias atuais. A localidade de São Marcos possuía o maior vinhedo do Rio Grande do Sul, com um hectare. Entre 1885 e 1915 eram famosos pelas frutas cítricas e vinhedos. Havia também um monumento feito pelos imigrantes em homenagem aos mortos na guerra da Líbia, que foi derrubado durante a segunda guerra, pois nessa época Itália e Brasil estavam em conflito, porém, o monumento foi reconstruído. A primeira capela que surgiu em São Marcos foi dedicada a Nossa Senhora do Caravaggio, em 1883, feita de madeira, e, em 1884, como pagamento de uma promessa coletiva, edificou-se a Igreja do Rosário. Em 1919 foi edificada a Igreja de São Pedro. Nessa época da segunda guerra houve uma proibição de falar em italiano e cantar no dialeto, sendo que quem desobedecesse iria preso. Em frente à igreja São Pedro tem um monumento alusivo à imigração, construído pela prefeitura. O nome do primeiro colégio de Arroio Grande era André Luiz Pozzobon.

A figura 8 mostra o antigo prédio abandonado e, também, depois de reformado, onde fica a Cantina Pozzobon. A estrutura da casa continua a mesma, inclusive as portas e janelas são da primeira construção.

Figura 8 - Prédio do antigo e do novo - Cantina Pozzobon.



Fonte: André Pozzobon e Jorge Marchezan.

André comenta sobre os vinhedos e plantação de frutas cítricas, o que era de grande importância econômica. Segundo Carlesso (1989), Arroio Grande possui as melhores terras do município de Santa Maria. No passado, entre 1855 e 1915, eram famosas as suas frutas cítricas e os vinhedos. Os moradores do distrito, de certa forma, ainda mantêm a tradição do cultivo da vinha e o hábito do consumo de vinho. Infelizmente, com o passar dos decênios, o colono foi abandonando, aos poucos, o cultivo das frutas cítricas na região, e, hoje, elas existem mais para o consumo familiar (CARLESSO, 1989).

Quanto às construções das igrejas, tem-se o relato das dificuldades e da forma rude do trabalho e dos equipamentos à época:

A primeira capela que surgiu em São Marcos foi dedicada a Nossa Senhora do Caravaggio e data de 1883. Era toda de madeira. Em 1884, como pagamento de uma promessa coletiva, edificou-se a capela de Nossa Senhora do Rosário, distante 2 km da sede. Nesta capela existe até hoje uma linda imagem de Nossa Senhora do Rosário, trazida da Itália pelos imigrantes, em 1884 (CARLESSO, 1989, p. 55).

Pode-se ver a grandiosidade das construções e os poucos recursos da época, mas havia grande esforço, empenho e união da comunidade para realização desses feitos. Em relação às frutas e aos vinhedos, não são mais encontradas no distrito, com exceção de algumas propriedades, e somente para o consumo próprio.

O terceiro depoimento é da Sra. Ledi Copo Noal, moradora do Distrito desde seu nascimento, sendo neta de imigrantes, descendente de pai e mãe.

Os imigrantes desembarcaram do navio em Porto Alegre, depois vieram para Cachoeira do Sul em um pequeno navio pelo rio Jacuí, e chegaram à Quarta Colônia de carroça e carreta de boi, e se instalaram em Val de Buia, onde ocorreu uma grande peste e vários imigrantes morreram. Após esses acontecimentos, eles se instalaram em Arroio Grande, onde já moravam imigrantes alemães. Porém, com a chegada dos italianos, eles foram embora, alguns foram para colônia Philipson, outros para o centro e outras famílias para outras cidades. Quanto às igrejas, havia uma capela de madeira em Arroio Grande e outra em São Marcos, em que já havia a presença da maçonaria, que era uma sociedade de mútuo socorro. Também alguns desentendimentos entre as paróquias. O Bispo enviou um padre que já estava enfermo, e ordenou que quem cuidaria do padre ali seria a paróquia principal, e o restante das igrejas seriam capelas. Então Arroio Grande se encarregou dos cuidados deste padre; durante o dia pagavam a uma senhora para cuidar, e à noite os moradores se revezavam. Com o falecimento do padre, a igreja de Arroio Grande se tornou paróquia, e, assim, começaram a construção, que é a dos dias de hoje, que teve início em 1919, e a igreja de São Marcos ficou como capela. O pai de Ledi tinha a fábrica das antigas trilhadeiras coloniais, que era um importante fator econômico para o município. Sua mãe contava que, na época da primeira guerra mundial, Brasil e Itália estavam em conflito, pois, segundo ela, o Brasil foi a favor dos Estados Unidos contra a Itália, e os imigrantes não podiam nem cantar em italiano, e quando os militares passavam, alguns se escondiam no sótão. Quando veio a segunda leva de imigrantes, eles estavam trazendo no navio a imagem da Nossa Senhora do Rosário; ocorreu um incêndio no porão do navio e houve grande desespero, e muitas coisas foram jogadas no mar; quando o incêndio chegou perto da caixa onde estava a imagem, o fogo parou. Quando chegou a imagem, foram as famílias Londero e Serafim que a receberam, e depois de um tempo as famílias se juntaram e fundaram a Igreja do

Rosário. Esta imagem tem apenas o busto, embaixo é uma caixa de madeira, e ela é vestida de branco, de noiva; a cada ano uma família ou alguém que está pagando uma promessa veste a imagem, e uma vez por mês tem uma missa na igreja. Há também um prédio da família Mainardi, porém um pouco mais novo, datando de 1929, local que foi utilizado para fazer o filme “Manhã Transfigurada”, do qual a senhora Ledi participou como figurante. A igreja de Arroio Grande também foi usada para cenas do filme. Quanto ao cemitério, o primeiro foi o de São Marcos e o segundo é o de Arroio Grande, com terras doadas pelos alemães, quando ainda residiam na localidade. O terreno da igreja foi doado pela família Cauduro, e um terreno atrás foi doado também pelos alemães, para ser erguida uma escola clerical. Como os padres resolveram fazer uma canônica, os alemães desfizeram a doação e venderam para a igreja. Existe no cemitério o túmulo da família que doou a terra.

Na figura 9 visualizamos a imagem de Nossa Sra. do Rosário, sendo apenas o busto, conforme relata a Sra. Ledi Colpo Noal.

Figura 9 - Imagem de Nossa Senhora do Rosário.



Fonte: Arquivo pessoal.

Nesse depoimento, a Sra. Ledi comenta sobre o incêndio do navio que trazia uma das levas de imigrantes, a chegada destes, as suas instalações e ocupações na localidade. Comenta também sobre a construção das igrejas e dos desentendimentos das comunidades sobre qual igreja seria a paróquia. Relata sobre o busto de Nossa Sra. do Rosário, das doenças nos imigrantes; cita, outrossim, fábrica de trilhadeiras que era de seu pai.

Após viajar por mais de trinta dias em um navio a vapor, chegam os imigrantes ao Brasil. De acordo com Bellinaso (2000),

O navio zarpava rumo ao sul passamos por Santos, depois Paranaguá, Florianópolis, até o Rio Grande e Pelotas, enfim, Porto Alegre. Depois de permanecer alguns dias, tomamos um vaporzinho, no Rio Guaíba e subimos pelo Jacuí até o porto Garibaldi. De lá, embarcamos em carretas de boi e depois de 3 ou 4 dias, chegamos no vale de “Josaphat”, que denominamos de Val de Buia (p. 21).

Dessa forma, mostra a difícil trajetória até chegar ao destino principal, que ainda não era totalmente definido, e onde, após chegarem, foram alojados em um barracão, espécie de galpão; já havia passado o primeiro inverno daquele povo, que, conforme Bellinaso (2000), aquela pobre gente, isolada no fundo de um vale circundado por montes e vivendo miseravelmente, na mais triste estação do ano, alojados quase como animais. Havia também poucas condições de higiene, o que trouxe grandes problemas em relação à saúde dos que ali estavam. Ainda conforme Bellinaso (2000), a explosão das doenças infectocontagiosas foi violenta e rápida, pois não havia recurso e as mortes se sucediam como os dias e as horas.

O quarto depoimento é da Sra. Lourdes Luiza Pano, moradora do local e neta de imigrantes.

Existe na Vila Figueira um capitel com a imagem de Santo Antônio, que foi erguido devido a uma promessa de família. Muitas pessoas iam rezar nesse local para pagar promessa ou fazer algum pedido; havia uma senhora que convocava as pessoas para fazer novenas e para rezar o terço, isso à noite e à tarde, até mesmo nos dias quentes de verão, e ainda rezavam ajoelhados na grama. Jam as famílias inteiras e os pais obrigavam os filhos a rezar, movidos pela fé, uma característica dos imigrantes italianos. Esse capitel é algo muito significativo, histórico, que mostrava a devoção daquelas pessoas. A senhora Lourdes também participou como figurante do filme “Manhã Transfigurada”. E ela lembra que foi usada a torre da igreja de Arroio Grande, e algumas filmagens foram feitas na igreja de Vale Vêneto. Há dentro da casa um capitel de Madeira, com algumas imagens, que já era da família desde o casamento de sua mãe, que também foi usado no filme. Nos tempos antigos de infância, um fato marcante era o desfile de Sete de Setembro, era feito junto com o desfile do dia do Gaúcho. Nesse dia reuniam-se todos os moradores da localidade. Lembrou da construção da Paróquia de São Pedro, da forma rudimentar e o uso de animais, como o burro e o cavalo, na construção, e da grande distância que vinham os tijolos. Comentou também da beleza interna da capela de São Marcos, das pinturas e das imagens da Via Sacra. Escreveu um livro da sua família e suas descendências. Lembrou-se da escola do Grupo Escolar, onde ela e suas irmãs estudaram, e que foi a primeira escola nesta localidade.

A figura 10 mostra o antigo capitel citado pela Sra. Lourdes Pano, onde as famílias se reuniam para rezar o terço e fazer suas penitências.

Figura 10 - Capitel de Santo Antônio.



Fonte: Arquivo pessoal.

Em seu depoimento, a Sra. Lourdes se lembra dos tempos antigos, quando rezavam e faziam promessa no capitel de Santo Antônio. Havia uma senhora, moradora do local, que convocava as famílias para fazer novenas e rezar o terço. Comenta também dos dias de desfile de Sete de Setembro, da construção da paróquia de São Pedro e da beleza da parte interna da igreja de São Marcos. Conforme Bellinaso (2000, p. 52),

as boas mães procuravam educar seus filhos no santo amor e temor a Deus, esforçando-se para lhes dar todos os ensinamentos de que necessitavam, afim de levar uma vida cristã. Ensinavam-lhes as orações principais, para recomendarem-se a Deus e a Maria Santíssima.

Quanto às construções das igrejas, eram muito poucas as condições financeiras, e a mão de obra era artesanal, mas de forma duradoura, o que pode ser visto até os dias atuais. A população de Arroio Grande construiu, no ano de 1883, uma capela de madeira cuja padroeira era Nossa Senhora do Caravaggio (BELLINASSO, 2000). Anos depois, foi construída outra igreja de material, sendo a capela de São Marcos, que leva o nome da localidade.

O quinto depoimento é da Sra. Paulina Moro Serafim, juntamente com seu filho, Luciano Serafim.

Moradora da propriedade dos Serafim, que são descendentes dos imigrantes italianos, ao lado de uma das casas mais antigas de Arroio Grande, na qual seu filho Luciano Serafim ainda mora em partes do casarão antigo de dois pisos e construídos com tijolos feitos na mesma propriedade - e do qual foram trocados alguns materiais internos. Luciano relata também o incêndio que houve no navio que trazia a imagem de Nossa Senhora do Rosário, confirmando em outros depoimentos que o fogo parou quando chegou perto do baú que trazia a imagem. Essa imagem pintada está embutida na parede desse casarão, como uma

espécie de altar, protegida por um vidro. Depois de um tempo, na próxima leva de imigrantes, a família Londero trouxe o busto dessa Santa, que está na igreja Nossa Senhora do Rosário, e após foi construída a igreja, onde tem uma torre construída em 1912. Lembra que era feito com trabalho braçal. A casa onde moram já existia antes desses acontecimentos - acredita que tem aproximadamente 150 anos, pois não lembra exatamente a data. Esse casarão chegou a abrigar 41 pessoas, todos da família Serafim. Esta Santa é conhecida como muito milagrosa, conforme comenta a senhora Paulina. A primeira imagem dessa padroeira pertenceu às famílias Londero e Serafim, e continua na casa de Luciano Serafim.

A figura 11 mostra o casarão antigo citado no depoimento, e a imagem da Santa que está embutida dentro da parede, com uma redoma de vidro.

Figura 11 - Nossa Senhora do Rosário e casarão onde está colocada.



Fonte: Arquivo pessoal.

Nesse depoimento é enfatizada a imagem de Nossa Senhora do Rosário, que pertence à família, e está embutida na parede, com uma redoma de vidro. Nesta casa mora Luciano Serafim, o qual comenta sobre o incêndio que houve no navio que trazia os imigrantes, em que o fogo cessou milagrosamente, fato que se deve à proteção da Santa. O casarão onde mora Luciano é um marco histórico, pois ali moraram vários grupos da mesma família. Conforme Bellinaso (1989, p. 85),

A população de Arroio Grande construiu no ano de 1883 uma capela de madeira cuja padroeira era Nossa Senhora do Caravaggio, no mesmo lugar, onde está construído o monumento dos heróis da guerra na Líbia. Outra capela de material foi construída no Arroio do Meio em honra de Nossa Senhora do Rosário, isto no ano de 1884.

Assim, o Distrito conta com igrejas históricas feitas pelos imigrantes italianos, movidos pela fé, juntamente com a união de todos os que ali moravam.

O sexto depoimento é da Sra. Beloni Guidolin, moradora em Arroio Grande, desde o nascimento.

Comenta sobre os imigrantes, que uma das levas que vinha no navio trazia a imagem de Nossa Senhora do Rosário, e ocorreu um incêndio no navio, e quando o fogo chegou perto da caixa onde estava a imagem da Santa, isto é, no porão, o fogo cessou; assim começaram os fatos milagrosos. Antigamente, nas épocas de estiagem, o povo se reunia para rezar pedindo chuva para a Santa, e, de fato, chovia e não demorava muito. Quanto às igrejas, confirma que a primeira foi a de São Marcos, mas havia uma rixa, desavenças entre as comunidades, para disputar qual Igreja seria considerada paróquia, e assim ficou a Igreja de São Pedro, de Arroio Grande. A Escola Estadual de Ensino Fundamental de Arroio Grande, da qual é Diretora e onde estudou na década de 1950, é a escola mais antiga do Distrito; teve o terreno doado pela família Depra, mas antigamente tinha um professor que dava aula na comunidade num lugar cedido numa casa de família, e essa escola teve outros nomes como homenagem ao primeiro professor - Escola Rural André Pozzobon. Após, foi Escola Estadual André Pozzobon, teve também o nome Escola Estadual Integrada de 1º grau. Depois de uma reunião, acharam por bem trocar novamente, e em 2002 passou a ter o nome Escola Estadual de Ensino Fundamental de Arroio Grande.

Nesta imagem da figura 12 mostra-se a primeira construção da escola de Arroio Grande, assim como um dia de desfile. A estrutura do prédio continua a mesma, com algumas reformas.

Figura 12 - Escola de Arroio Grande e desfile dos alunos.



Fonte: Ledi Colpo Noal.

Nesse depoimento, a Sra. Beloni comenta sobre a viagem de navio que trouxe a imagem de Nossa Senhora do Rosário e dos milagres acontecidos por seu intermédio. Cita a construção das igrejas e dos desentendimentos entre as comunidades para disputar qual seria a paróquia. Comenta também sobre a escola de Arroio Grande, sendo a mais antiga, e da qual é diretora. Conforme Carlesso (1989), vale aqui citar a disputa entre moradores de Arroio Grande e São Marcos, isto é, de um lado e de outro do arroio, quando da escolha do primeiro para sediar a nova paróquia da região e a igreja Matriz.

Quanto à escola, teve seu nome mudado várias vezes, sendo Grupo Escolar Arroio Grande, posteriormente Escola Rural André Pozzobon, Escola Estadual Integrada de 1º Grau Arroio Grande e, atualmente, Escola Estadual de Ensino Fundamental Arroio Grande.

O sétimo depoimento é do Sr. Mario Billibio, morador de Arroio Grande desde o nascimento e bisneto de imigrantes italianos.

Sobre as igrejas, a capela de São Marcos era para ser a paróquia, e também foi a primeira a ser construída, mas devido a desentendimentos e disputas, ficou a igreja de Arroio Grande, a do padroeiro São Pedro, como paróquia, confirma o Sr. Mario. Segundo ele, até os dias de hoje há pessoas que não se juntam devido a esse antigo fato. Ele comenta os detalhes da construção da igreja, da forma rude pela qual foi feita, e da maneira artesanal e detalhada da obra, com tijolos feitos pelos moradores e das grandes pedras de alicerce, sendo utilizado, inclusive, o barro, pois não tinha cimento. Ressalta que as pessoas não trabalhavam por dinheiro; os italianos antigos eram unidos, reuniam-se e faziam essas obras, e hoje as pessoas estão divididas, pensam em si próprias e não em uma comunidade, pois as pessoas não têm tempo nem dinheiro para contribuir para a igreja. Hoje em dia se têm mais recursos do que antigamente. Quanto aos monumentos de São Marcos, dedicado aos imigrantes, havia um que foi construído para homenageá-los, mas devido à segunda guerra mundial foi derrubado e quebrado por militares, pois nessa época a Itália guerreava contra o Brasil, e havia perseguição aos imigrantes italianos. De acordo com o Sr. Mario, João Vicente Santini era presidente do Sindicato Rural e da Associação Italiana, o qual o convidou para reerguer o monumento. Após, o Sr. Mario procurou o Sr. Vitório Pozzobon, e saíram de carro pelos arredores para arrecadar, dos moradores, dinheiro para construir um novo monumento; conseguiram cimento e um pouco de dinheiro - não o suficiente para fazer a obra. Mas estavam decididos a fazer a construção e investir seu próprio dinheiro, e assim o fizeram. Depois de pronto, precisavam pintar, conseguiram um senhor que veio da Itália, que era profissional em pintura de igrejas; ele era bem velho e contou com ajuda de dois filhos, além da participação do Engenheiro Sergio Cechin, morador e vereador da localidade. Depois desse trabalho, em 1998 ocorreu a inauguração, em que reuniram a comunidade para uma festa com almoço e com a presença de autoridades como Nelson Marchezan, que, à época, era deputado federal, e o Ministro da Cultura. Não foi feito documento para registro, somente as fotos. O monumento custou o valor de sete mil e seiscentos reais, e o total arrecadado no almoço foi de quatro mil e quinhentos reais. O dinheiro que faltou foi doado pelo Sr. Mario, mas nem todos souberam que ele pagou o restante, pois o prazer dele era ver o monumento erguido. Ressalta que se criou desde pequeno ajudando o seu pai na comunidade, na igreja.

Nesse depoimento, o Sr. Mario relata a construção das igrejas, a forma rude, os poucos recursos e os detalhes das obras; também a união das pessoas naquela época para realizar estas construções. Comenta o desentendimento entre as comunidades para disputar qual igreja seria a paróquia matriz, e que, até os dias atuais, se vê disparidades. Segundo Carlesso (1989, p. 62):

Isso aconteceu nas primeiras décadas do presente século e até hoje se conservam certas sequelas ente os moradores dos dois povoados e entre estes com Silveira Martins. Tudo devido ao fato de que na escolha de Arroio Grande como sede da matriz de São Pedro houve, simultaneamente, a influência do pároco de Silveira Martins e do Pe. Comoretto em detrimento dos que desejavam a igreja de São Marcos ocupando a posição de centro paroquial.

A figura 13 mostra o primeiro marco construído em homenagem aos italianos que participaram da guerra na Líbia, e o novo marco, construído pela comunidade com incentivo de algumas autoridades.

Figura 13 - Antigo e novo marcos em homenagem aos imigrantes.

Fonte: André Pozzobon e Mario Billibio.

O Sr. Mario comenta a construção do marco em homenagem aos italianos em frente à igreja de São Marcos, pois o primeiro monumento havia sido derrubado na época da segunda guerra mundial. Por iniciativa dele, com auxílio da comunidade e outras autoridades, começaram a construção de outro marco. Conforme Bellinaso (2000), esse monumento foi construído no ano 1996, pela Associação Italiana de Santa Maria, sendo o seu presidente João Vicente Santini.

Com esses depoimentos, podemos contemplar a história de muitas vidas, de várias famílias que chegaram ao Distrito de Arroio Grande, das dificuldades enfrentadas para sobrevivência, do difícil trabalho na plantação, das construções e dos poucos recursos, mas se mostra um povo de perseverança, de fé e de muito trabalho, que hoje podemos presenciar por meio das construções das casas, das igrejas e das terras conquistadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No fim do século XIX e início do século XX, os italianos se instalaram no espaço rio-grandense, mudando a paisagem através da ocupação de áreas, na modalidade de pequenos proprietários rurais.

A perseverança e o sentimento de luta desse povo fez com que enfrentassem imensas dificuldades desde a saída da Itália até a chegada ao território gaúcho. Em direção à região central do Estado, dirigiram-se para Silveira Martins, constituindo a Quarta Colônia e Imigração Italiana.

Por meio dos italianos, marcas ficaram impregnadas no espaço geográfico da região central, fazendo com que a área se destacasse na formação e comportamento da sociedade rio-grandense.

Um grupo de colonos seguiu em frente e se instalou na localidade de Arroio Grande, próximo a Santa Maria (RS), área hoje correspondente ao quarto distrito do município.

Através do trabalho, registramos inúmeras contribuições desse valoroso grupo humano, o qual apresenta uma fé inabalável, comprovada pelo grande número de marcos religiosos, tais como igrejas, capelas e capitel, além dos pequenos santuários instalados nas próprias residências.

Interessante destacar que, apesar do tempo transcorrido, os entrevistados comentaram fatos que são lembrados até hoje, como os cuidados com as imagens religiosas que traziam e a história de como cada uma se efetivou na comunidade. Outro fato que é mencionado por vários entrevistados é o de um incêndio no navio que transportava os imigrantes, talvez pelo fato de ser algo que expunha a vida dos viajantes ao risco; muitos têm essa lembrança ainda viva em sua(s) memória(s).

As narrativas de vida dos entrevistados revelam riquezas de informações; são relatos emotivos, demonstrando forte sentimento religioso e que os fazem voltar no tempo, pois resgatam a história de vida de seus antepassados.

REFERÊNCIAS

ANTONELLO, Idê Vitoria. **Emigração na Itália e imigração italiana no Brasil e no Rio Grande do Sul**. Santa Maria, RS, 1996.

ANTUNES, Helenise Sangoi; OLIVEIRA, Valeska Fortes de. **A imigração italiana e Silveira Martins: uma história de esperança**. Santa Maria: Grafos, 1994.

BELLINASSO, Severino T. **Os Heróis de Val de Buia**. Ivorá, RS, 2000.

CARBONI, Florence; MAESTRI, Mário (orgs). **Raízes italianas no Rio Grande do Sul 1875-1997**. Passo Fundo, RS: UPF, 2000.

CARLESSO, Oscar José. **A Sonhada América. Os Carlesso em Santa Maria 1878-1988**. Porto Alegre: Posenato Arte & Cultura, 1989.

DALMOLIN, Cátia. **Senza Ritorno: a emigração italiana no Brasil**. Santa Maria, RS: Pallotti, 2004.

DE BONI, Luis Alberto. **A presença italiana no Brasil**. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia, 1996.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATISTICA (IBGE). Disponível em: <http://www1.ibge.gov.br/cidadesat/painel/historico.php?codmun=432065&search=rio-grande-do-sul%7C-silveira-martins%7Cinphographics:-history&lang>. Acesso em: abril 2015.

LAZZAROTTO, Danilo. **História do Rio Grande do Sul**. 5. ed. Porto Alegre: Sulina, 1986.

LEI MUNICIPAL N° 3099/88, DE 19-12-1988. Disponível em: <http://www.camara-sm.rs.gov.br>. Acesso em: 01 ago. 2015.

MAGNOLI, Demétrio; OLIVEIRA, Giovana; MENEGOTTO, Ricardo. **Cenário gaúcho: representações históricas e geográficas**. São Paulo: Moderna, 2001.

QUEVEDO, Julio; ORDOÑES, Marlene; SALES, Geraldo. **Meu Estado, Rio Grande do Sul**. São Paulo: Scipione, 1998.

REVISTA O Santuário. Edição Especial. Diocese de Santa Maria, RS, 2010. I in: SANTIN, Silvino. **A imigração esquecida**. Porto Alegre: EST, 1986.

VIEIRA, Eurípedes Falcão; RANGEL, Susana Salum. **Geografia econômica do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Sagra, 1993.

VIERO, Lia Margot Dornelles. **A elaboração de um Atlas Escolar Municipal como uma contribuição para o ensino de Geografia - Santa Maria - RS**. 2001. (Mestrado em Organização do Espaço). Rio Claro, UNESP, 2001.